

O HEXÂMETRO DACTÍLICO VERNÁCULO ANTES DE CARLOS ALBERTO NUNES



JOÃO ÂNGELO OLIVA NETO & ÉRICO NOGUEIRA

Resumo: Este artigo, além de breve história do hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes, é também e sobretudo reflexão sobre os princípios métrico-prosódicos que têm orientado a aclimação desse metro ao português.

Palavras-chave: Hexâmetro dactílico; hexâmetro português; métrica; prosódia; tradução dos clássicos greco-latinos.

Abstract: This paper is both a brief history of the dactylic hexameter in Portuguese before Carlos Alberto Nunes and a study of the metrical and prosodical principles that underline its origin and development.

Keywords: Dactylic hexameter; Portuguese hexameter; metrics; prosody; classical poetry in translation.

Seis são os poetas que antes de Carlos Alberto Nunes praticaram o hexâmetro dactílico em nossa língua, cinco portugueses e um brasileiro, a saber: os portugueses José Anastácio da Cunha (1744–1787), Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773–1844), José Maria da Costa e Silva (cujo pseudônimo árcade era Elpino Tagídio, 1788–1854), Júlio de Castilho (1840–1919, filho de Antônio Feliciano), Fernando Pessoa (1888–1935) e o brasileiro Carlos Magalhães de Azeredo (1872–1963). No caso de Fernando Pessoa – ou do heterônimo Ricardo Reis, para sermos mais exatos – a circunstância de fabricar hexâmetros, que não é metro lírico, precisamente ao imitar os metros *líricos* de Horácio merece estudo à parte, já em andamento, que infelizmente excede o escopo desse artigo¹.

¹ Cf., a propósito, F. Lemos, *Fernando Pessoa e a Nova Métrica: a Imitação de Formas e Metros Líricos Greco-Romanos em Ricardo Reis*. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1993.

José Anastácio da Cunha, o primeiro a compor hexâmetros vernáculos, não se valeu do metro em poemas de própria autoria, senão, mais exatamente, em traduções, e apenas em traduções, a saber,

- a) o idílio *Menalca e Tírsis* de Gessner², cujo original é em prosa, e
 b) excerto final do livro II das *Geórgicas* de Virgílio, de que transcrevemos um passo (vv. 458-463)³:

Oh! quão ditosos, // se o próprio bem conhecessem
Os lavradores! // Para quem justíssima a Terra,
Longe da discórdia // das armas, traz no regaço
Um sustento fácil! // Se nem excelso palácio
Dos matutinos // cortejos com que rotunda
Pelas altivas // portas a enchente vomita.

Não só Anastácio parecia supor existir quantidades na língua portuguesa, senão fazia que no primeiro hemistíquio (e, se menos frequentemente, também nas três primeiras sedes do segundo) o acento tônico das palavras em português propositalmente *não* coincidissem com os ictos do hexâmetro, imitando, assim, o exemplo autorizado dos melhores hexametricistas latinos, Virgílio incluso, que destacavam a chamada “cláusula hexamétrica” – os dois últimos pés do verso, em que há regular coincidência entre icto e acento gramatical – dos pés anteriores. A interpretação desse fenômeno tem dividido os metricistas modernos: alguns, seguindo a opinião de Ritschl⁴, acreditam que desde pelo menos Lucrécio a busca pela não-coincidência entre icto e acento nos quatro primeiros pés, nos dois últimos pela coincidência, é efeito intencional, e deve, pois, interpretar-se como solução da dissonância em consonância; outros, de que Crusius⁵ talvez seja, nas últimas décadas, o exemplo mais representativo, creem

² Salomon Gessner (1730–1788), escritor, tradutor, pintor e gravador suíço, notório pela matéria pastoral.

³ J. A. da Cunha, *Obra Literária*. Vol. II. Edição de Maria Luísa Malato Borralho e Cristina Alexandra Marinho. Porto: Campo das Letras, 2006, p. 63.

⁴ F. Ritschl, *Kleine Philologische Schriften*. Band II. Leipzig: Teubner, 1868, p. xii: “[...] os segredos da ‘harmônica desarmonia’ entre acento de verso e acento de palavra, da qual a métrica antiga, e de maneira particularmente especial a romana, tão essencialmente dependem. Com efeito, trata-se apenas de diversa acomodação de ambos os elementos (consonância e dissonância), já que o hexâmetro dactílico resolve a não-coincidência entre acento de verso e acento de palavra no primeiro hemistíquio em coincidência, no segundo [...]”. Tradução nossa.

⁵ F. Crusius, *Römische Metrik*. 8. Auflage. Hildesheim: Georg Olms, 2011, § 60, pp. 54-55: “**Acento de palavra e icto no hexâmetro latino**. A relação entre acento de palavra e icto é determinada, de um lado, pelas regras de acentuação do latim, do outro, pela configuração das cesuras no meio e em fim de verso (e também pelas possibilidades de acomodação de distintas formas de palavra no verso, *ça va sans dire*). Visto que fins de palavra polissílaba são exceção na 5ª ársis – como também é exceção monossílabo em fim de verso –, segue-se quase como regra a **coincidência entre acento de palavra e acento de verso na coda do hexâmetro**. As relações entre tais acentos no meio do verso são reguladas pela esmagadora preponderância da cesura masculina sobre a feminina no hexâmetro latino, como também pela escassez de diéreses. Consequentemente, o acento de palavra antes da pentemítere e da heptemítere quase sempre ocorre na tésis. Que os poetas romanos hajam procurado a não-coincidência entre acento de palavra e ritmo de verso no início e no meio do hexâmetro, no final a coincidência, não demonstra, porém, que o tenham feito para resolver uma dissonância em consonância (a ‘desarmonia harmônica’ de Ritschl), ou que tivessem a intenção expressa de criar o maior número possível de não-coincidências nos quatro primeiros pés do hexâmetro”. Negrito do autor e tradução nossa.

que a relação entre não-coincidência e coincidência é puramente mecânica, e depende, portanto, apenas dos característicos formais – regras de acentuação, cesuras, léxico – não só do hexâmetro, senão de todos os versos latinos. Como quer que seja, e sem entrar no mérito de questão tão espinhosa, força é notar que entre os lusófonos tal prática permanecerá inalterada até Júlio de Castilho, o qual, orientado pelo pai, passou a fazer coincidir, no hexâmetro vernáculo, os ictos e as sílabas tônicas naturais das palavras, que é, como sabemos, a prática de Carlos Alberto Nunes. Assim, a principal diferença entre a antiga e a nova prática do hexâmetro em português – aquela, inaugurada por José Anastácio; esta, preludiada por Castilho filho – está na relação que estabelecem com as regras métrico-prosódicas do hexâmetro latino e grego, a primeira aderindo estritamente a elas, e tentando reproduzi-las em nossa língua, a segunda reinterpretando-as, e buscando, numa palavra, adaptá-las.

Vicente Pedro Nolasco da Cunha foi o segundo a compor hexâmetros. A ele devemos a afirmação, particularmente importante para a história do hexâmetro dactílico em português, de que, até prova em contrário, Anastácio da Cunha foi o pioneiro na introdução desse verso na poesia lusófona⁶. Devemos-lhe também a declaração, na esteira do insigne João de Barros⁷, que provavelmente devia conhecer, de que há quantidades em nossa língua⁸, e por fim devemos-lhe o rol, ainda que breve, de regras da métrica quantitativa na língua portuguesa⁹, pois que em verdade Nolasco não queria introduzir apenas o hexâmetro dactílico, mas também metros líricos, em particular a estrofe sáfica, com os quais metros pensava melhorar a poesia portuguesa. Diz ele¹⁰:

O desejo que temos de melhorar a poesia, reivindicando ao metro seu carácter essencial, que tão adulterado se acha pelos nossos *bardos* modernos, e sobretudo obviar aos progressos da seita importuna dos consoantes [entenda-se “rimas”] e indigestão de hendecassílabos [entenda-se “decassílabos”], não só foi contrariado, mas até nos atraiu a sorna e desenxabida facécia de um nosso pertendido filólogo, de um simples e rançoso gramático [...].

⁶ V. P. Nolasco da Cunha, “Sobre a Objecção do Snr. Bento Pereira á cerca da ‘Syllaba Portugueza’”. *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literario, Politico*. Vol. 14, n° 54, novembro de 1815, p. 185.

⁷ João de Barros, *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Olyssipone, apud Ludouicum Rotorigi[u]m, Typographum, 1540, p. 4: “Espaço de tẽpo, por q hũas sam curtas e outras lõgas, como nesta diçã. *Bárbora*, q a primeira e lõga. & as duas sam breues. Por q tâto tẽpo se gásta na primeira, como nas duas seguintes, à semelhança dos músicos, os quães tâto se detẽ no ponto desta primeira figura *bár*, como nas duas derradeiras, *bo*, *ra*. E os Latinos e Gregos, sentẽ milhor o tempo das syllabas, por causa do uerso, do que ô nós sentimos nas trouas: por q casi mais espera a nõssa orelha o consoãte, q a câtidade, dado q a tẽ”. Devemos a menção e a referência a João de Barros ao Prof. Dr. Dirceu Villa, estudioso e poeta de escol, a quem votamos aqui os nossos mais sinceros agradecimentos.

⁸ V. P. Nolasco da Cunha, “Consideraçoes sobre o Verso Saphico, e Principios Geraes da Syllaba, Applicados Particularmente á Lingoa Portugueza”. *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literario, Politico*. Vol. 13, n° 52, outubro de 1815, p. 513.

⁹ *Idem, ibidem*, pp. 513-519.

¹⁰ *Op. cit.*, novembro de 1815, p. 182.

Em suma: os defeitos que Nolasco queria corrigir eram o excessivo emprego da rima e do que hoje, após Castilho pai, chamamos “decassílabo”. Mas impugnava também poemas que, segundo ele, eram supostamente vazados em estrofes sáficas sem que, sempre segundo ele, os versos fossem verdadeiros sáficos. A estrofe sáfica não é o assunto aqui, mas algumas afirmações de Nolasco sobre o assunto dizem respeito também ao nosso hexâmetro, e por elas podemos aferir quão difícil é a questão. Mostrando a diferença entre breves e longas em português, diz textualmente¹¹:

Para fazermos sentir esta diferença, suponhamos um adônio o seguinte – *tímidas tropas* – errado quanto a nós pelo principio estabelecido [é longa a vogal seguida de duas consoantes]. Substituamos à palavra *tropas* a palavra *hostes* e teremos *tímidas hostes*, perfeito adônio; ou menos tal soa em nosso ouvido e cremos que todo e qualquer percebera a diferença que há na pronúncia de *tímidas tropas* e *tímidas hostes*; mesmo no singular – *tímida tropa* – ficará verso certo, pois nesse caso destruímos o –s que faz longa a sílaba –das.

Como fica evidente, o desejo e a proposta de Nolasco foram nos séculos seguintes um extraordinário e nobilíssimo fracasso. Seja como for, com exceção de uma elegia em latim que, ao que tudo indica, foi ele mesmo que compôs, Nolasco empregou hexâmetros, ora sozinhos ora acompanhados de pentâmetros, para compor poesia original. Segundo nos consta, compôs dois poemas hexamétricos (uma epístola e um extraordinário epílio) e duas elegias (um epicédio e um louvor a Dom João VI, que é a referida elegia em latim):

- a) “Ao Exmo. Conde de Palmela. Epístola Hexamétrica;
- b) “O Incêndio de Moscou”;
- c) “Epicédio a uma Noiva”;
- d) “*Brasiliae Principi*”.

Citamos o início do poema “O Incêndio de Moscou”, com o qual o próprio autor pretendia exemplificar os preceitos métricos que expusera em prosa¹²:

Ruínas fumegantes,// presa do Crime e da Morte,
salve! De Moscow// extinta bem-vindos Horrores!
Vos¹³ quadro pavoroso// aos olhos que turva de pranto
simpática fonte,// mas formosíssima gala
à Mente ostentais// excelsa que ufana revolve
de indômita Virtude// feitos e d’alta Coragem [...].

¹¹ *O Investigador Portuguez em Inglaterra*. Vol. 7, nº 27, setembro de 1813, p. 395.

¹² *O Incendio de Moskow, ou a Queda de Napoleon*. Poema Hexametrico Composto pelo Dr. V. P. Nolasco da Cunha e Dedicado a Sua Magestade Imperial Alexandre Pawlowitz, Autocrata de Todas as Russias, Czar de Moscovia etc. Londres, impresso por H. Bryer, sem ano da impressão (1812), 4.º gr. de 16 pág.

¹³ VOS QUADRO PAVOROSO AOS OLHOS QUE TURVA DE PRANTO / SIMPÁTICA FONTE: “quadro pavoroso a vossos olhos que turva de pranto uma fonte benfazeja”. Notar o latinismo: o pronome “vos” é regido por “pavoroso”.

Compare-se a prática dos dois Cunhas. A despeito de suas semelhanças (que, de resto, segundo dissemos acima, radicam em comum aplicação de regras da métrica quantitativa latina e grega a língua, como o português, cujas sílabas métricas não levam em conta a quantidade, ao agrupar-se nas formas tradicionais do verso), há que notar também o que as distingue, afinal – isto é, mais exatamente, a tentativa ousada, da parte de Nolasco, de determinar na teoria e compor na prática com quantidades silábicas genuinamente vernáculas, regidas por regras vernáculas conflitantes com as latinas, sempre que as últimas lhe pareçam insuficientes¹⁴. Sem, por ora, julgar o relativo sucesso ou insucesso dessa tentativa, o fato é que escandir “Virtude”, no último verso do citado trecho, como ∪ ∪ —, e justificá-lo pelas particularidades prosódicas *do português*¹⁵, parece impensável ao primeiro Cunha, o qual, com efeito, trabalha matéria lusófona em fôrma exclusivamente latina. Concluindo, sem deixar de ser o mais típico representante desta que é, digamos, a primeira fase da aclimatação do hexâmetro ao português, dominada por hibridismo entre métrica antiga e língua moderna, Nolasco é também o primeiro, curiosamente, a tentar emancipar o português do latim, seja teorizando sobre a sílaba portuguesa, seja, sobretudo, aplicando a teoria à composição de poemas originais.

José Maria da Costa e Silva é o terceiro hexametricista dactílico, mas o primeiro a explicitar no prólogo d’*Os Argonautas* a conveniência do metro não só para traduzir, mas para traduzir no mesmo número de versos – isto é, e-legendando a *isostiquia* como critério de tradução¹⁶:

Quanto à versificação, escolhi o verso hendecassílabo solto, bem que alguma vontade tivesse de fazer uso do hexâmetro, de que a nossa língua é muito susceptível, já pela facilidade com que admite as transposições, já pela abundância de dicções dactílicas, e pela clareza e determinada acentuação de suas vogais, como se prova por muitos ensaios que se têm feito deste metro, que pode ainda aperfeiçoar-se muito; seria este o meio de dar o poema verso por verso. Não hesitaria em fazer uso dele, se o meu original fosse a *Ilíada*, a *Odisseia*, ou a *Eneida*, mas não me atrevi a apresentar ao público um poema desconhecido trasladado em metro igualmente desconhecido.

A passagem é de extrema importância para a história da tradução da poesia greco-latina em português, com a qual a criação e o desenvolvimento de um hexâmetro vernáculo estão estreitamente relacionados, desde o pioneiro José Anastácio da Cunha e sua tradução hexamétrica de excerto das *Geórgicas*. Com

¹⁴ Cf. *op. cit.*, outubro de 1815, p. 513: “[...] toda a syllaba em Portuguez, que [o leitor] não achar conforme ás regras da Latina, será breve ou longa, pelas razoens que logo assignaremos”.

¹⁵ Cf. *idem, ibidem*, p. 514: “[...] por isso o accento ou a falta delle no Portuguez basta para determinar as longas, breves, ou communs; e não as terminaçoens, como no Latim; do que se segue, que a regra latina de toda a vogal antes de duas consoantes ser longa; tem no Portuguez algumas restricçoens. – Não podemos admitir com os nossos censores, que nas palavras *verdade*, *perjuro*, as primeiras syllabas *ver*, *per*, não possam ser breves, por isso mesmo que nunca o são no Latim”. Itálicos de Nolasco.

¹⁶ *Os Argonautas*. Poema de Apollonio Rhodio traduzido por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852, pp. xxvi-xvii (grifo nosso). Para o conceito de isostiquia, vide “Entrevista com João Angelo Oliva Neto”. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 25, pp. 261-277, 2010.

efeito, se Costa e Silva decanta as virtudes tradutórias do hexâmetro, e a susceptibilidade do português para fabricá-lo, é possivelmente a inevitável e já então tradicional associação de poesia épica com verso decassílabo, mais que a fama restrita de Apolônio, o que acaba por demovê-lo, enfim, levando em conta as expectativas do público, de uma empresa que além de primeira tradução vernácula completa de epopeia grega teria sido também, cem anos antes de Nunes, o primeiro ensaio hexamétrico de fôlego na língua de Camões¹⁷. Em outras palavras, embora coloque a *Ilíada* e a *Odisseia* ao lado da *Eneida*, e afirme que usaria o hexâmetro, caso a obra traduzida fosse qualquer uma das três, não nos parece que essa justaposição seja de todo procedente, uma vez que o próprio tradutor – o que é, aliás, a mais estrita verdade – foi o primeiro a traduzir e publicar uma epopeia grega completa em nossa língua, enquanto a latina de Virgílio, àquela altura, contava com pelo menos quatro diferentes traduções inteiras já publicadas, afora duas inéditas¹⁸. Dispondo, pois, no caso de Virgílio, de quatro traduções vernáculas distintas com que se comparar, e no de Homero, de nenhuma¹⁹, é de supor que a excelência tradutória do hexâmetro, com destaque para a isostiquia, fosse mais plenamente reconhecível em eventual tradução hexamétrica da *Eneida* que da *Ilíada* ou da *Odisseia*, porquanto as duas últimas, embora imensuravelmente mais famosas que *Os Argonautas*, ainda “não falavam português” e, pois, ao menos em certo sentido, se achavam em situação semelhante à desses. Como quer que seja, se, à luz dessas observações, nos for lícito comentar um fenômeno recente – o recrudescimento do interesse e emprego do hexâmetro entre tradutores de poesia grega e latina de diversas línguas e nacionalidades, todos ou quase todos ligados à academia –, a esmagadora precedência da *Ilíada* e da *Odisseia* sobre a *Eneida*, que nos últimos anos recebeu uma única tradução hexamétrica, contra um total de cinco das primeiras duas²⁰, nos exorta a nós, tradutores de poesia antiga, ou bem a reequilibrar balança²¹, ou bem, por fim, na esteira do arrojado Costa e Silva, a traduzir poesia inédita.

¹⁷ Cf. *idem, ibidem*, p. xxv: “Reconheço que esta versão ficou bastante defeituosa, apesar do muito trabalho, que com ella tive; mas espero que os leitores instruidos, e bem intencionados hajam de a acolher indulgentes, por ser a primeira tradução inteira de um poema grego que aparece em nossa língua, pois somos, que vergonha! a unica nação europêa cujo idioma o velho Homero ainda não aprendeu a falar [...]”.

¹⁸ Para um rol quanto possível completo das traduções lusófonas da *Eneida* vide J. A. Oliva Neto, “Breve Anatomia de um Clássico”. Em: Virgílio, *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, no prelo.

¹⁹ As primeiras traduções integrais das epopeias de Homero em português foram as de Manuel Odorico Mendes (1799-1864), publicadas depois de sua morte: a *Ilíada* em 1874 e a *Odisseia* em 1928.

²⁰ Cf. J. A. Oliva Neto, “O Hexâmetro Dactílico Português e as Traduções de Carlos Alberto Nunes”. Texto inédito apresentado no I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO TRADUZIR E PUBLICAR OS CLÁSSICOS (Universidade de Coimbra, 22 e 23 de novembro de 2012): “Em anos bem recentes, observa-se na Europa e nos Estados Unidos um fenômeno na tradução da épica antiga, e para dizer a verdade, quase exclusivamente da homérica, que é a reutilização do hexâmetro dactílico em língua moderna. Com efeito, sempre hexamétricas, na Espanha, Agustín García Calvo, que faleceu dia 1º de novembro último, publicou tradução da *Ilíada* em 1995; nos Estados Unidos, Rodney Merrill, da *Odisseia* em 2002 e da *Ilíada* em 2007; na França, Philippe Brunet, da *Ilíada* em 2010; na Itália, Daniele Ventre, da *Ilíada* em 2010”. A cujo rol acrescentaremos a tradução hexamétrica da *Eneida* publicada pelo norte-americano Frederick Ahl em 2007.

²¹ Nos últimos dez anos publicaram-se nada menos que cinco diferentes traduções em verso das epopeias homéricas, duas da *Ilíada* (em 2002 e 2005, a cargo de Haroldo de Campos e de Frederico Lourenço, respectivamente) e três da *Odisseia* (em 2003, 2007 e 2011, assinadas por Frederico

Dito isso, consideremos, pois, não já sua atividade de tradutor, senão a de poeta hexamétrico original. Escreveu em hexâmetros:

- a) “Epicédio à Morte do Elegante Poeta Dramático Antônio Xavier Ferreira de Azevedo”;
- b) “Epístola ao Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha”.

Pelo seu caráter programático, vale a pena ler e considerar largo passo dessa epístola (vv. 19-59)²²:

- De jugo livres, // livres d’acento tedioso –**
20. **ou breve ou tarda a marcha** // – translado **jucundo d’opostos Estos**²³ // d’**alma d’Iliso**²⁴, do **Tibre**²⁵, **sublimes metros** // de **seus antigos Poetas mil**, que a **Modernos** // **Vates faltaram, recursos deram**²⁶; por **empeços**²⁷ // **brioso o Gênio rompe**;
 25. **Klopstock**²⁸, **o primeiro**, // **ousou**²⁹ com **planta liberta**³⁰, **saltando barreira**, // **correr por ínvia senda**³¹. **Germânicas vozes** // **desposa à Lira d’Homero**³², **Homero alcança** // ou **vence torrente profusa dos Alpes despenhada**³³ // com **hórrida queda**.
 30. **Seus versos correm** // **quando, de cólera aceso, Lúçifer troveja**, // **provoca os Numes à guerra: o Trono pulsa**, // **qual bronze o Trono retumba! Mórvido remanso**³⁴ // **por entre férteis arvós**³⁵,

rico Lourenço, Donald Schüller e Trajano Vieira, nessa ordem). Por seu turno, a última tradução da *Eneida* em português é a de Agostinho da Silva, publicada em 1993.

²² “Epístola VIII: Ao Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha”. Em: *Poesias de Joze Maria da Costa e Silva*. Tomo III. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha, 1844, pp. 233-234.

²³ ESTOS: calores, paixões.

²⁴ ILISO: rio de Atenas, aqui é sinédoque de “grego”.

²⁵ TIBRE: rio de Roma, sinédoque de “romano”.

²⁶ Em ordem direta: translado jucundo d’opostos estos d’alma d’Iliso, do Tibre, [i.e.] sublimes metros de seus antigos poetas, de jugo livres, livres d’acento tedioso – ou breve ou tarda a marcha –, deram recursos mil que a modernos vates faltaram. Paráfrase: livres de jugo, livres de acento tedioso, os sublimes metros dos antigos poetas gregos e romanos, expressão agradável de opostos afetos da alma grega e da romana – quer fosse rápido, quer fosse lento o ritmo –, deram mil recursos que faltaram aos modernos poetas.

²⁷ EMPEÇOS: empecilhos, obstáculos.

²⁸ Friedrich Gottlieb Klopstock (1724–1803), poeta alemão que em 1748 publicou os três primeiros cantos do poema épico religioso *Messias* em hexâmetros.

²⁹ O PRIMEIRO OUSOU: foi o primeiro a ousar.

³⁰ PLANTA: planta do pé e por sinédoque, o próprio pé. Notar ambiguidade indireta de “planta”, isto é, do pé, empregado nos sentidos anatômico e métrico, como já faziam Horácio e Propércio.

³¹ ÍNVIA SENDA: caminho difícil, metáfora para metros dos antigos gregos e romanos, cujo emprego foi a escolha que Nolasco fez pelo mais difícil.

³² GERMÂNICAS VOZES DESPOSA À LIRA D’HOMERO: faz em alemão poemas com o hexâmetro usado por Homero.

³³ TORRENTE PROFUSA DOS ALPES DESPENHADA: tempestade nos Alpes cuja descrição no canto VIII do *Messias*, segundo Costa e Silva, iguala ou até supera Homero. Note-se a ausência da cesura pentemimere, com o que, na esteira dos melhores poetas gregos, latinos e modernos, Costa e Silva procura reproduzir, na organização espacial do hexâmetro, a própria cena que as palavras descrevem – no caso, a profusão de uma torrente que se despenha com força além do comum. Cf., entre outros exemplos, Horácio, *Odes* IV 2, 5-24.

³⁴ MÓRBIDO REMANSO: enseada tranquila.

- límpido se espraia// quando benigna recebe
35. **Pórcia**³⁶ **nos braços**// a **dolorosa** **Maria**,
pulcrícoma **Madre**³⁷// do **Redentor** **humanado**³⁸,
por **cuja** **sentença**// **turba** **sacrílega** **clama**
e em **dano dos Filhos**// **impreca** o **sangue** do **Justo**.
Êmulo de **Tompson**³⁹, **Kleist**⁴⁰// pela **senda** **recente**
40. **ousado** enfia⁴¹! . . // **curvam** **Rochedos** e **Bosques**;
mádido⁴² **recinto**// **Ninfas** do **Báltico**⁴³ **deixam**,
surgem **jubilosas**// para **as** **Canções** **escutar-lhe**,
onde **Primavera**// mais **pompa** e **lustre** **recebe**,
requinta **Amor os fogos**⁴⁴// em **Brutos**⁴⁵ e **Homens**⁴⁶.
45. **Nos**⁴⁷ **que de gelo**// o **Inverno** com **áspera** **destra**
Suíços **montes** **cobre**⁴⁸ ,// no **vasto** **terreno**
que em **rápidas** **ondas**// **fero** **Borístene**⁴⁹ **lava**,
ao **negro** **Oceano**// **levando** **guerra**, nos **arvos**
do Reno⁵⁰, do **Oder**⁵¹ ,// d'**Opitz**⁵² na **Pátria**, **cheios**⁵³
50. **do** **nobre** exemplo// os **Vates** de **Solfa**⁵⁴ **Romana**⁵⁵

³⁵ FÉRTILES ARVOS: campos férteis. Ocorre latinismo na grafia de “férteis” e no emprego de “arvos”(arvum, “solo”).

³⁶ PÓRCIA, personagem do *Messias*, assim como Maria e Jesus.

³⁷ PULCRÍCOMA MADRE: mãe de belos cabelos.

³⁸ REDENTOR HUMANADO: Cristo, o Salvador que se fez homem.

³⁹ TOMPSON: consta “Tornpson” na edição, mas trata-se do poeta escocês James Thomson (1700–1748), que entre 1726 e 1730 publicou *The Seasons (As Estações)*. Kleist imitou também *Die Alpen (Os Alpes, 1729)* do poeta, médico e naturalista suíço Albrecht von Haller (1708–1777).

⁴⁰ Ewald Christian von Kleist (1715–1759), poeta alemão que em 1745 publicou *Der Frühling (A Primavera)*, longo poema bucólico em hexâmetros em que louva a vida no campo, o qual Lessing (40^a *Literaturbrief*, maio de 1759) considerou decisivo, junto com o *Messias*, na gênese do verso hexamétrico alemão. O hexâmetro de Kleist é anacrústico, isto é, cada verso começa com sílaba átona antes da primeira tônica. Gotthold Ephraim Lessing (1729–1781) foi poeta alemão que entre 1755 e 1759, junto com o filósofo Moses Mendelssohn (1729–1786) e o poeta-editor Christoph Friedrich Nicolai (1733–1811), publicou as *Literaturbrief* (abreviação de *Briefe, die neueste Literatur betreffend*, “Cartas sobre a mais recente literatura alemã”). A cesura principal é heptemímere.

⁴¹ ENFIA: trilha, toma o rumo de.

⁴² MÁDIDO: úmido.

⁴³ BÁLTICO: o mar Báltico, antes chamado Mar da Alemanha, por ele banhada a nordeste.

⁴⁴ OS FOGOS: a paixão. A cesura principal é heptemímere.

⁴⁵ BRUTOS: animais.

⁴⁶ Do v. 40 ao 44 Costa e Silva alude à matéria de *A Primavera*.

⁴⁷ NOS: consta “nós” na edição.

⁴⁸ Hipérbato que em ordem direta é: Nos montes suíços que o Inverno cobre de gelo com áspera destra. A cesura principal é heptemímere.

⁴⁹ BORÍSTENE: nome que os antigos davam ao atual rio Dnieper, que nasce na Rússia, atravessa a Bielorrússia e a Ucrânia, e deságua no Mar Negro.

⁵⁰ RENO: rio que nasce nos Alpes suíços, passa por Áustria, Liechtenstein, Alemanha, França Países Baixos e deságua no Mar do Norte.

⁵¹ ODER: rio da Europa central que nasce na República Checa, atravessa a planície da Silésia, na Polônia, separando-a da Alemanha.

⁵² Martin Opitz von Boberfeld (1597–1639), poeta alemão. No texto de Costa e Silva consta “Opitz”. Ver nota de Costa e Silva logo adiante.

⁵³ CHEIOS: consta “cheiros” na edição.

⁵⁴ SOLFA: canto. VATES DE SOLFA ROMANA: poetas que adotam ritmos dos antigos poetas romanos.

cânticos só formam⁵⁶; // **ergue o** Parnaso Tudesco⁵⁷
 a par **do antigo a frente**⁵⁸; // nem Lísia⁵⁹ fértil
 d'óptimos engenhos// de majestosa linguagem,
 às Musas apta, // a Vênus, a Palas, a Marte,
 55. **ceder-lhe**⁶⁰ deve! // Já no teu⁶¹ canto retumba
 denodo sublime, // que força o pálido rosto,
 os bens despreza, // fecha à ternura os ouvidos,
 os fachos ergue, // despede a chama que lavra⁶²
 Moscou [...].

Como dissemos, este longo passo, que ocupa um quarto da epístola, é verdadeira declaração de poética, e procura exemplificar os três (não mil) principais recursos que Costa e Silva distingue no hexâmetro, logo nos versos iniciais, a saber: 1) liberdade rítmica, 2) variedade e 3) aptidão para traduzir paixões opostas. Para dizer a verdade, como os frequentadores da poesia antiga sabem muito bem, esses três recursos se resolvem num só, e é o que os poetas concretos têm chamado “unidade verbivocovisual” ou, dito de outro modo, aquela engenhosa e disertíssima capacidade, tão dos poetas antigos, de imitar mediante o som e a organização espacial das palavras aquilo mesmo que as palavras sugerem ou descrevem. Considerando, pois, os três recursos assinalados por Costa e Silva com especial atenção à sua unidade, temos de admitir que o trecho, e com ele toda epístola, infelizmente fica aquém de suas pretensões, porquanto nem os acentos (marcados em negrito) são assim tão livres de jugo, nem a variedade rítmica, que decerto há, evita certa regularidade monocórdica, nem o poeta é igualmente feliz, em suma, ao sugerir sutileza e violência – mas, se falha naquela, força é convir que é bastante bem sucedido nesta, como, de resto, os vv. 27-29, comentados em nota, facilmente fazem ver. Seja como for, só o rol de hexametricistas modernos, todos alemães, e a exortação aos poetas portugueses para que os emulem – culminando no elogio de Nolasco –, já distinguem essa epístola entre as produções vernáculas no metro, sendo, como é, o único poema hexamétrico original em português a explicitar a tradição que segue e os princípios elocutórios que defende.

⁵⁵ Opitz, natural de Silésia, é para os alemães o mesmo que Dante e Petrarca para os italianos, Corneille para os franceses, Shakespeare para os ingleses e Ferreira e Bernardes para nós. (Nota de Costa e Silva.)

⁵⁶ Hipérbato que em ordem direta é: os vates só formam cânticos cheios do nobre exemplos de solfa romana. A cesura principal é heptemímere.

⁵⁷ TUDESCO: tedesco, alemão.

⁵⁸ ERGUE O PARNASO TUDESCO A PAR DO ANTIGO A FRENTE: os poetas alemães erguem a cabeça lado a lado com os poetas antigos, porque usam sua métrica.

⁵⁹ LÍZIA: Portugal. Costa e Silva imita o procedimento de Nolasco n’*O Incêndio de Moscou*, v. 176: “Lísia, cara pátria, exulta!”.

⁶⁰ CEDER-LHE: submeter-se à Alemanha por não adotar como ela os metros antigos.

⁶¹ TEU: de Vicente Nolasco e, por sinédoque, de Portugal também. Na apóstrofe, Costa e Silva, com aludir a *O Incêndio de Moscou*, mostra que os portugueses já imitam não apenas o metro, mas, com ele, também a elocução da épica antiga, como Klopstock; ver nota ao v. 29.

⁶² LAVRA: espalha. Do v. 58 ao v. 73 Costa e Silva não está a descrever a mesma guerra franco-russa, que é matéria do poema de Nolasco, mas descreve sim *o próprio poema* – trata-se de êcfrase, portanto. Do v. 74 ao v. 163, por seu turno, o último da epístola, o autor de certo modo continua e desenvolve *O Incêndio de Moscou*, cantando os sucessos das Guerras Napoleônicas na Península Ibérica, e especialmente em Portugal, os quais não foram cantados por Nolasco no aludido poema.

De **Júlio de Castilho** há dois excertos originais que até onde se pode aferir parecem compostos adrede para ilustrar nova prescrição de Antônio Feliciano, seu pai, advinda da mudança de opinião quanto aos hexâmetros e pentâmetros vernáculos. Diz Antônio Feliciano no *Tratado de Metrificação*⁶³:

Nas onze espécies que deixamos exemplificadas, temos quantos metros se podem usar em português; pelo menos nenhum outro se poderá talvez inventar que não seja composto de algumas das medidas supra-indicadas e que por sobejo longo se não deva condenar. A tentativa não já moderna, mas em que tanto insistiu modernamente o nosso, aliás bom engenho, Vicente Pedro Nolasco, de fazer versos portugueses hexâmetros e pentâmetros, é uma quimera sem o mínimo vislumbre de possibilidade. Carecendo de quantidades, condição indispensável para os onze pés do dístico, o português nada mais pode que arremedá-lo, [...] mas insistir em tão evidente matéria, e que de mais a mais ninguém hoje contraria, fora malbaratar o tempo que as sãs doutrinas estão pedindo.

*

Entretanto, agora, quatro anos depois da 4ª edição, refletindo novamente na matéria, confessamos que a exclusão absoluta que fazíamos da metrificação latina para o português já não nos parece tão bem fundada. Subsiste, sim, a objeção de não haver em nossa língua as *quantidades* como havia no latim, mas a essa pode-se responder que os entendedores desse belo idioma, dado o [= embora] não saibam pronunciar, nem por consequência lhe possam conhecer as longas e breves, não deixam, contudo, de reconhecer a harmonia dos versos de Virgílio ou de Ovídio; tanto assim, que na leitura, embora rápida, estremam [= percebem] logo, como quer que seja, um metro que porventura escapasse mal medido. Esta só ponderação já persuade que o nosso ouvido, **que assim aprecia esses metros pronunciados sem a respectiva prosódia antiga, e à portuguesa**, bem pode, por analogia, achar música aceitável nos que em português se lhes assemelharem.

Uma vantagem grande, e grandíssima, poderia ter esta introdução, se, por uma parte, os hexâmetros e pentâmetros não fossem feitos senão por quem andasse bem enfrascado [= versado] na língua do Lácio e possuísse assaz de engenho para os imitar com facilidade, e, por outra parte, os leitores não tivessem negação ou completa falta de conhecimentos para os apreciarem. A vantagem, repetimo-lo, seria o muito maior âmbito [= espaço] que assim adquiriria a emissão do pensamento poético.

O alexandrino, tão guerreado, já afinal pegou e está generalizadíssimo. E por quê? Não tanto pela sua muita música, como pela sua extensão. Logo, a medição latina, por inda mais extensa, muito melhor se acomodaria à ambição de espaço em que os poetas tantas vezes laboram.

Outra consideração não despicienda: ao mesmo tempo que todos os nossos outros metros são obrigados a número invariável de sílabas, estes novos, pela liberdade de entremear *ad libitum* arremedos de dáctilos e espondeus, são suscetíveis de muito maior fôlego. O hexâmetro pode constar de treze, quatorze, quinze, dezesseis ou dezessete sílabas, isto é, quatro sílabas mais que o opulento alexandrino; e o pentâmetro, de

⁶³ *Tratado de Metrificação Portuguesa: Seguido de Considerações sobre a Declamação e a Poética*. 4ª ed. revista e augmentada. Porto: Livraria Moré-Editora, 1874, pp. 29-31; 32.

doze, até treze ou quatorze sílabas. Mas, deixando explicações teóricas, vejamos um fragmento de uma tentativa feita por poeta versado no latim.

HEXÂMETROS

A bruma **do alto mar**// some ao **longe** ao real foragido.
Chora-o de pé na **torre**// a constante, a misérrima **Dido**.
Na tormenta cruel// que lhe **agita** as turbadas **ideias**,
Eneias brilha só// triste **Dido!**, o teu **mundo** era **Eneias!**
E Eneias vai cortando// (ímpia **sorte!**) as **undosas campinas**;^{*}
superna mão lhe **aponta**// entre **névoas** as **plagas latinas**.
Nada espera nem **vê**// se **interroga** o cerrado **futuro**,
se inquire o **que lá vai**// só vê **Troia** abrasada no **escuro**.
O marulho do oceano// os **rugidos** do **incêndio** **arremeda**,^{**}
e os sibilos do **vento**// o **estralar** da **fatal labareda**.
E olhando além **Cartago**// a **sumir-se** entre as **sombras** da **tarde**,
em gemidos exala// as **profundas saudades** em **que arde**.

[...] Se as amostras que deixamos transcritas lograrem a fortuna de persuadir aos espíritos não-hóspedes no latim que a novidade pode ser prestadia, a esses rogamos que ponderem que imensa facilitação não encontraria para o seu trabalho, nessas amplas formas, quem empreendesse dar à nossa Literatura os grandiosos poetas romanos. É ponto que vale a pena ser meditado.

Quanto ao metro tecnicamente falando, Castilho logra, como Carlos Alberto Nunes, a) desfazer o estranhamento causado pela falta de coincidência entre ictos do verso e acento normal dos vocábulos nos quatro primeiros pés do hexâmetro, com exceção da primeira sílaba do verso, que recebe o icto mesmo quando átona. Difere dele, porém, no tratamento que dá ao primeiro hemistíquio, porquanto b) admite substituição do dáctilo vernáculo (sílabas tônica seguida de duas átonas) pelo que corresponderia ao espondeu latino, mas que em português a rigor seria um troqueu, pois trata-se de sílaba tônica seguida de uma átona. Ora, o que importa é o número de tônicas numa sequência em que há ou uma ou duas átonas entre elas, mas nunca mais de duas átonas, que destruiriam o andamento dactílico. Com isso, a solução de Castilho, pela variedade que permite, parece-nos ser mais interessante até do que a rigidez dactílica de Nunes, principalmente quando sobra espaço no verso para traduzir. Mas Castilho tratou da conveniência do metro para tradução, pois c) explicitou o que José Anastácio da Cunha deixara implícito. Anastácio não compusera poesia original em hexâmetros, como os posteriores; só os utilizou para traduzir. Nolasco e Costa e Silva, porém, quiseram o verso em poemas originais vernáculos, como fará depois o brasileiro Carlos Magalhães de Azeredo. Castilho, por seu turno, aceita hexâmetros na poesia original mas, percebendo que a medida muito convém à tradução dos poemas antigos, chega a aconselhar que seja assim utilizada. E finalmente d) ao assim aconselhar, faz a declaração extraordinária de que os poemas traduzidos integram em pé de igualdade a literatura vernáculo: “dar à nossa Literatura os grandiosos poetas romanos”.

Carlos Magalhães de Azeredo publica em 1904 *Odes e Elegias*, em cujo prefácio⁶⁴ trata dos “metros bárbaros” – expressão com que Giosuè Carducci, hexametricista italiano e grande defensor da utilização vernácula dos metros antigos, designava o conjunto das possibilidades de os utilizar. Azeredo faz poucos hexâmetros catásticos, preferindo elegias; afora brevíssimo poemeto hexamétrico que aduz no mesmo prefácio – três versos apenas –, escreveu um único poema em hexâmetros, intitulado “Invernal”, que começa como segue (vv. 1-8)⁶⁵:

Era uma **triste e pálida**// e **opaca manhã** de Janeiro.
O céu de **Roma** – **abóbada**// **imensa** de **ardósia** – não **tinha**
nesga de **azul** nem **raio** de **sol**// Recordava o céu **plúmbeo**
de Londres, **o** céu **úmido**// e **baixo** da **Suécia**... Nevava.
Os flocos **brancos** **vinham**// e **frígido** o **vento**, em **impulsos**
diversos, **agitava-os**// pelo **ar** os **erguia** um **momento**,
de um lado e **de outro**, a **espaços**// **movia-os**, quais **leves penugens**
alvíssimas; e **inertes** por **fim**// os **pousava** nos **tetos** [...].

Como facilmente podemos perceber, o hexâmetro de Azeredo é na verdade a reunião de dois versos tradicionais da língua portuguesa – no caso, um hexassílabo e um octossílabo, respectivamente –, acentuados de maneira regular: na primeira, quarta e sexta sílabas aquele; este na segunda, quinta e oitava sílabas. Dito isso, parece-nos indispensável aduzir o testemunho do poeta Giovanni Pascoli, contemporâneo e discípulo de Carducci, e como Carducci cultor dos ditos metros bárbaros. Eis o que diz textualmente, ao criticar os muitos epígonos do mestre em atividade àquela altura (entre os quais talvez não fosse injusto incluir o Azeredo das *Odes e Elegias*, claro está)⁶⁶:

⁶⁴ O mesmo prefácio traz uma observação curiosa, que decerto há de integrar o anedotário da história do hexâmetro em português. Diz o autor: “Revelou-me o meu amigo Alberto de Oliveira que eu tive um predecessor, obscuro embora, nesta tentativa [de aclimatar metros antigos à nossa língua]. Preste-se aqui uma breve e commovida homenagem aos manes de Domingos Tarroso (assim se chamava elle); entre as boninas dos Campos Eliseos se terá já consolado do seu insucesso com os bons humanistas italianos do Renascimento que também metrificaram bárbaramente em vão”. (*Odes e Elegias*. Roma: Tipografia Centenari, 1904, p. viii.) Observação curiosa, como dissemos, por duas razões: 1) Domingos Tarroso, cuja morte Azeredo decreta, estava não só vivo senão vivíssimo aquando da publicação deste volume, vindo a falecer nada mais nada menos que trinta anos depois; 2) com o nome de Domingos Tarroso consta um único volume de poemas na Biblioteca Nacional de Portugal: *A Poesia Philosophica: Poemas Modernos. Com um Programa sobre a Renovação Científica das Litteraturas e um Excerpto da Poesia Nova*. Ponte de Lima: Biblioteca do Norte, 1883. Na *pièce de résistance* que abre o livro, intitulada “A Evolução Natural e a Litteratura Culta”, o autor defende com veemência a superioridade do heptassílabo rimado sobre todos os outros tipos de verso e estrofe do idioma. Assim, o que chama de “poesia nova” é a simplória justaposição de duas redondilhas maiores, formando um metro longo de cesura e comprimento variáveis. Tarroso não quis fazer hexâmetros e, pelo que diz do verso solto não-rimado, é mais do que certo que condenaria quem os fizesse: “O verso solto, – esse aborto, filho monstruoso d’um processo atavico, – tem sido sempre uma imitação desgraçada e impossível, – por extemporanea, – das fórmulas mortas da poesia da antiguidade” (*ibid.*, p. xxvi). A menção a Alberto de Oliveira, portanto, que sem dúvida alguma era versado nos clássicos latinos, e saberia distinguir um hexâmetro de dois heptassílabos justapostos, é mais uma pitada de sal nos ingredientes dessa comédia.

⁶⁵ *Op. cit.*, p. 59.

⁶⁶ G. Pascoli, “Regole di Metrica Neoclassica”. In: *Poesie e Prose Scelte*. Tomo Secondo. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2002, p. 239. Tradução nossa.

Os versos de Carducci, embora compostos de séries e hemistíquios vernáculos, têm a virtude de sugerir ao nosso espírito a lembrança dos antigos. Estes outros, tão regulares, nos farão no máximo lembrar de Ovídio; no máximo; – mas nem sequer Ovídio, porque a sucessão contínua de um heptassílabo, eneassílabo e pentassílabo, ou a de heptassílabo e outro heptassílabo, nos contenta assim: como uma estrofe vernácula qualquer. Contenta-nos assim, e nós ficamos aquém de Ilisso e do mar Egeu, e a estranhas plagas já não navegamos. Falta àquelas estrofes o “ritmo reflexo”.

Não por acaso, os hexâmetros de Azeredo correspondem exatamente ao primeiro tipo censurado por Pascoli: no jargão métrico italiano, os compostos por simples justaposição de heptassílabo com eneassílabo. Para fabricar genuínos hexâmetros, porém, segundo o mesmo Pascoli, não basta justapor metros vernáculos tradicionais, imprimindo-lhes acentuação mais ou menos uniforme, senão que, valendo-se embora de tais metros, é imperioso *sugerir* o ritmo antigo, ou, dito de outro modo, deve haver um ritmo latente a par e par do patente, tanto mais perceptível quanto mais informado o leitor no metro antigo que se sugere: é o famoso “ritmo reflexo” que, dizemos nós, não falta de todo, evidentemente, mas é bastante fraco nos versos de Azeredo.

Não nos parece que uma definição categórica do “autêntico” hexâmetro vernáculo tenha razão de ser em nosso tempo, que o poeta Haroldo de Campos, provavelmente com razão, denominou de pós-utópico⁶⁷. Ainda assim – e sem, com isso, impugnar as inúmeras e não raro divergentes tentativas de reproduzir o hexâmetro em português hoje, sobretudo em trabalhos de mestrado e doutorado, em livros e artigos científicos⁶⁸ – é preciso reconhecer, lendo os poetas que o praticaram, que uns são mais, outros menos bem-sucedidos, o que talvez se possa explicar (insistamos no “talvez”) justamente pela relação entre ritmo patente e ritmo latente na composição dos versos. Senão vejamos.

Se se entende por ritmo patente o criado pelo acento natural das palavras numa prolação contínua, e por latente um ritmo apenas sugerido – e, pois, dependente de razões de ordem vária, como a formação do leitor, o gênero do poema, a habilidade do poeta, e outras sutilezas que tais –, cremos que se pode descrever a história do hexâmetro em português, de José Anastácio da Cunha a Carlos Magalhães de Azeredo, como uma história de excessos: primeiro, excesso de ritmo latente, o que distorce a prosódia e deforma os vocábulos, do primeiro ao quarto pé do hexâmetro; depois, excesso de ritmo patente, apagando a tensão entre o dito e o não-dito, e criando, não um verso coeso, senão mera reunião de metros tradicionais. E aqui convém fazer a última observação. A despei-

⁶⁷ Cf. “Poesia e Modernidade: da Morte do Verso à Constelação. O Poema Pós-Utópico”. Em: *O Arco-Íris Branco. Ensaios de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, pp. 243-269.

⁶⁸ Cf., entre outros, A. Malta Campos, *O Resgate do Cadáver: O Último Canto d’A Ilíada*. São Paulo: Humanitas, 2000, pp. 13-42. R. T. Gonçalves (org.) *et alii*, “Uma Tradução Coletiva das *Metamorfoses* 10.1-297 com Versos Hexamétricos de Carlos Alberto Nunes”. *Scientia Traditionis*, 10 (2011), 110-132. C. Leonardo B. Antunes, *Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: uma Tradução Comentada de 23 Poemas*. São Paulo: Humanitas, 2011. M. Tápia, “Diferentes Percursos de Tradução da Épica Homérica como Paradigmas Metodológicos de Recriação Poética: um Estudo Propositivo sobre Linguagem, Poesia e Tradução”. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Universidade de São Paulo, 2012. F. Lourenço, *Clara Suspeita de Luz*. Alfragide: Caminho, 2011. É. Nogueira, *Verdade, Contenda e Poesia nos Idílios de Teócrito*. São Paulo: Humanitas, 2012.

to de sua rigidez dactílica, e da enorme preponderância do ritmo patente sobre o latente, o hexâmetro de Carlos Alberto Nunes é ainda assim o mais equilibrado, fluente e perfeito constructo do gênero em língua portuguesa, do século XVIII aos dias atuais. A circunstância de Carlos Alberto Nunes haver se adiantado em sessenta anos à recente voga do hexâmetro é feito notável que enseja o devido reconhecimento, bem como uma crítica honesta das reais qualidades e não poucos defeitos de sua realização. Estabelecendo uma tradição com que o comparar, este estudo é um primeiro passo nesse sentido.

João Ângelo Oliva Neto

olivanet@pobox.com

Prof. Dr., Universidade de São Paulo

Érico Nogueira

nogueiraerico@gmail.com

Prof. Dr., Universidade de São Paulo

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, C. L. B. *Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: uma Tradução Comentada de 23 Poemas*. São Paulo: Humanitas, 2011.
- OS ARGONAUTAS. Poema de Apollonio Rhodio traduzido por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852.
- BARROS, J. DE. *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Olyssipone, apud Ludouicum Rotorigi[u]m, Typographum, 1540.
- CAMPOS, A. M. *O Resgate do Cadáver: O Último Canto d' A Ilíada*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- CAMPOS, H. DE. "Poesia e Modernidade: da Morte do Verso à Constelação. O Poema Pós-Utópico". Em: *O Arco-Íris Branco. Ensaios de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- CASTILHO, A. F. DE. *Tratado de Metrificação Portuguesa: Seguido de Considerações sobre a Declamação e a Poética*. 4^a ed. revista e aumentada. Porto: Livraria Moré-Editora, 1874.
- CRUSIUS, F. *Römische Metrik*. 8. Auflage. Hildesheim: Georg Olms, 2011.
- CUNHA, J. A. DA. *Obra Literária*. 2 Vols. Edição de Maria Luísa Malato Borralho e Cristina Alexandra Marinho. Porto: Campo das Letras. Vol. I, 2001; Vol. II, 2006.
- GONÇALVES, R. T. (org.) *et alii*. "Uma Tradução Coletiva das *Metamorfoses* 10.1-297 com Versos Hexamétricos de Carlos Alberto Nunes". *Scientia Traductionis*, 10 (2011), 110-132.
- HOMÈRE. *L'Iliade*. Trad. Philippe Brunet. Paris: Éditions du Seuil, 2010.
- HOMER. *The Iliad*. Translated by Rodney Merrill. Michigan: University Press, 2007.
- _____. *The Odyssey*. Translated by Rodney Merrill. Michigan: University Press, 2002.
- HOMERO. *Iliada*. Versión rítmica de Agustín García Calvo. Zamora: Lucina, 1995.
- _____. *Odisseia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *Odisseia*. Tradução de Donald Schüler. Vols. I, II e III. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- _____. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- _____. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- _____. *Ilíada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos. Introdução e organização de Trajano Vieira. 2 Vols. São Paulo: Arx, 2002.
- _____. *Ilíada*. Traduzida do grego no metro original por Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Atena Editora, 1941.
- _____. *Odisseia*. Traduzida do grego no metro original por Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Atena Editora, s. d.
- O INCENDIO DE MOSKOW, OU A QUEDA DE NAPOLEON. Poema Hexametrico Composto pelo Dr. V. P. Nolasco da Cunha e Dedicado a Sua Magesta-de Imperial Alexandre Pawlowitz, Autocrata de Todas as Russias, Czar de Moscovia etc. Londres, impresso por H. Bryer, sem ano da impressão (1812), 4.º gr. de 16 pág.

- LEMONS, F. *Fernando Pessoa e a Nova Métrica: a Imitação de Formas e Metros Líricos Greco-Romanos em Ricardo Reis*. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1993.
- LOURENÇO, F. *Clara Suspeita de Luz*. Alfragide: Caminho, 2011
- MAGALHÃES DE AZEREDO, C. *Odes e Elegias*. Roma: Tipografia Centenari, 1904.
- NOLASCO DA CUNHA, V. P. “Sobre a Objecção do Snr. Bento Pereira á cerca da ‘Syllaba Portugueza’”. *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literario, Politico*. Vol. 14, nº 54, novembro de 1815.
- _____. “Considerações sobre o Verso Saphico, e Principios Geraes da Syllaba, Applicados Particularmente á Lingoa Portugueza”. *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literario, Politico*. Vol. 13, nº 52, outubro de 1815.
- _____. *O Investigador Portuguez em Inglaterra*. Vol. 7, nº 27, setembro de 1813.
- NOGUEIRA, É. *Verdade, Contenda e Poesia nos Idílios de Teócrito*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- _____. “Alguma poesia de Durs Grünbein”. Em: *Dicta&Contradicta*, v. 8. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011, 178-185.
- OLIVA NETO, J. A. “Breve Anatomia de um Clássico”. Em: Virgílio, *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, no prelo.
- _____. “O Hexâmetro Dactílico Português e as Traduções de Carlos Alberto Nunes”. Texto inédito apresentado no *I Congresso Luso-Brasileiro Traduzir e Publicar os Clássicos* (Universidade de Coimbra, 22 e 23 de novembro de 2012).
- _____. “Entrevista com João Angelo Oliva Neto”. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 25, pp. 261-277, 2010.
- _____. “A Eneida em Bom Português: Considerações sobre Teoria e Prática da Tradução Poética”. Em: Martinho dos Santos *et alii* (orgs.). *II Simpósio de Estudos Clássicos*. São Paulo: Humanitas, 2007, 65-88.
- OMERO. *Iliade*. Traduzione a cura di Daniele Ventre. Messina: Mesogea, 2010.
- PASCOLI, G. “Regole di Metrica Neoclassica”. In: *Poesie e Prose Scelte*. Tomo Secondo. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2002.
- POESIAS DE JOZE MARIA DA COSTA E SILVA. Tomo III. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha, 1844.
- RITSCHL, F. *Kleine philologische Schriften*. Band II. Leipzig: Teubner, 1868.
- TÁPIA, M. “Diferentes Percursos de Tradução da Épica Homérica como Paradigmas Metodológicos de Recriação Poética: um Estudo Propositivo sobre Linguagem, Poesia e Tradução”. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Universidade de São Paulo, 2012.
- TARROSO, D. *A Poesia Philosophica: Poemas Modernos. Com um Programa sobre a Renovação Scientifica das Litteraturas e um Excerpto da Poesia Nova*. Ponte de Lima: Biblioteca do Norte, 1883.
- VIRGIL. *Aeneid*. A New Translation by Frederick Ahl. Oxford: University Press, 2007.

- VIRGÍLIO. *Eneida*. Traduzida por José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (Livros IX-XII). Introdução e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Obras de Virgílio [Bucólicas, Geórgicas, Eneida]*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.
- _____. *Eneida*. Tradução portuguesa no metro original por Carlos Alberto Nunes. São Paulo: A Montanha Edições, 1981.